

Histórico da Artilharia Brasileira

(Trecho de uma palestra, audiovisual, realizada por ocasião do Dia de Mallet, em 1973, por uma equipe de Instrutores do Curso de Artilharia da EsAO.)

A história de nossa Artilharia se confunde com a própria História do Brasil, participante ou testemunha que foi de todos os seus grandes episódios.

O descobridor e colonizador a trouxe consigo, embora incipiente, ainda, para firmar o domínio da terra e afugentar a cobiça estrangeira.

Assim, em 1532 surge a primeira praia fortificada em São Vicente, obra de Martim Afonso de Souza; dez anos depois é a vez da barra de Santos; em 1590 erguem-se em Salvador os fortes de Santo Antônio da Barra, São Felipe e S. Bartolomeu, e em Pernambuco os fortins do Mar e São Jorge.

A Fortaleza de Santa Cruz já protege a entrada do Rio de Janeiro, em 1596.

No século XVII a marcha do colonizador continua balizada pela linha de fortificações que alcança o litoral Norte-Nordeste, com fortalezas como as de Cabedelo, Reis Magos, Presépio e São José do Macapá, e se alonga para o sul, onde em 1680, o Forte de São Pedro, na Colônia do Sacramento, tem seus canhões apontados para o estuário da Prata.

E de encontro a estes baluartes, quase sempre, viriam morrer as tentativas estrangeiras de domínio da terra, prin-

principalmente as lideradas por holandeses e franceses, que testemunharam, o heroísmo dos nativos na defesa de suas plagas. O exemplo mais expressivo nos é dado pelo Forte Rio Branco, em Pernambuco, resistindo às investidas batavas até o sacrifício do último homem da guarnição.

Segue-se a fase da incorporação do imenso território do longínquo oeste, obra da ação intrépida do bandeirante e da argúcia da diplomacia portuguesa, que ultrapassando a linha de Tordesilhas, levariam nossa fronteira para seus limites naturais na calha do Paraguai-Guaporé.

E no afã de assegurar o domínio dessa pacífica conquista, postos militares são implantados ao longo da nova linde fronteira.

As margens do Guaporé levanta-se o Forte Príncipe da Beira e nas barrancas do Paraguai eleva-se o Forte de Coimbra, sentinelas avançadas frente aos domínios da Coroa Ibérica, o último dos quais, em mais de uma oportunidade, escreveria com o sangue de seus artilheiros, páginas de abnegação e bravura de nossa história.

E todas estas fortificações desempenhariam um duplo papel na formação de nossa Pátria: guarda vigilante contra as investidas alienígenas e núcleos de colonização.

A sombra das seteiras e guaritas, que perscrutam os horizontes sem fim do oeste ou a vastidão sempre azul de nossos mares, formavam-se os centros populacionais, que depois se expandiriam, ocupando os espaços vazios e lançando os alicerces de nacionalidade. Em torno da Artilharia nasceram muitas cidades brasileiras.

Do período colonial são também as primitivas unidades de Artilharia de Campanha, embora o primeiro Corpo realmente estruturado só aparecesse mais tarde, com o Príncipe Regente, em 1809, o Corpo de Artilharia a Cavallo.

Mas, na realidade, é o Decreto de criação do Exército Imperial que dá uma organização à Artilharia, com os Corpos de Artilharia de Posição e a Cavallo.

A instabilidade de nossas fronteiras no Prata, herança que recebemos do colonizador, explica a presença do grosso da Artilharia no sul do Império, durante longo período do século XIX.

A eclosão das lutas platinas viria encontrá-la pronta e vigilante, para a defesa dos princípios que sustentávamos, apesar da precariedade de efetivos e meios. Seu material principal é a boca de fogo de bronze do sistema La Hitte, raiada e anticarga.

Participa, decisivamente, de todas as campanhas empreendidas pelo Império naquelas longínquas paragens, merecendo do Duque de Caxias — Comandante-em-Chefe das forças aliadas, em memorável ordem-do-dia, estas palavras de citação: — “A Artilharia prestou relevantíssimos serviços que nunca poderão ser suficientemente elogiados”.

Avulta neste período a figura ímpar de Emilio Luiz Mallet, no comando do 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, o legendário “Boi de Botas”, que por sua eficiência e pela rapidez de seus fogos mereceria o cognome de “Artilharia Revólver”.

Estabilizada a fronteira sul com o término das lutas e a vitória das armas imperiais, os corpos de artilharia se dispersam pelo Brasil, vinculando-se a províncias e cidades e dando origem às tradicionais unidades conhecidas de todos nós.

Mas, antes de findar o século seus canhões saíam, ainda, às ruas, para saudar o advento da República, para cuja implantação muito contribuiu, e lutaria, mais tarde, intransigentemente, para sua consolidação, por ocasião da Revolta da Armada e Sedição de Canudos.

Nesta última sublevação, a 4.ª Bateria do 2.º Regimento de Artilharia a Cavallo, sob o comando do bravo Capitão Salomão da Rocha, num gesto de heroísmo, dedicação e renúncia, raras vezes igualado, imolou-se, cobrindo a retaguarda da Coluna Moreira Cesar, que empreendia uma retirada ante os reverses do dia anterior. Suas derradeiras palavras, com o cor-

po já retalhado pelos facões dos jagunços, defendendo abraçado o canhão que lhe confiara a República, foram: "onde fica a Bateria fica seu Capitão".

Com características praticamente inalteradas entrou a Artilharia no século XX, quando com a nítida compreensão dos problemas da defesa nacional, o Ministro Nepomuceno Mallet lançou os fundamentos de uma remodelação radical, que viria beneficiar grandemente nossa Arma. Deu especial ênfase à defesa da costa, ponto crítico dos sistemas defensivos de então, quando mandou construir, remodelar ou projetar as fortalezas de Imbuí, Lages, Santa Cruz, Copacabana, Itaipu e Óbidos.

Caberia, no entanto, à administração do Marechal Hermes da Fonseca, no Ministério da Guerra, dar um grande impulso à Artilharia, sob a influência da doutrina militar alemã. Novos materiais foram adquiridos e os efetivos grandemente aumentados.

A vitória da França na Primeira Guerra emprestaria a esta Nação um especial relevo nos meios militares mundiais, com reflexos em nosso País, que contrata os serviços de uma Missão Militar Francesa para instruir o Exército.

Novo alento recebe a Artilharia, não só com a criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e conseqüente melhoria do nível profissional de seus quadros, mas também a chegada de modernos canhões como o Schneider e Saint Chamond para equipar suas unidades.

Pouco mais de duas décadas se passariam após o armistício de 1918 e mais uma vez se veria a humanidade ante os horrores de uma nova guerra, a que seria levada pelo totalitarismo do nazi-fascismo.

O Brasil, fiel aos sentimentos democráticos de seu povo e ferido em sua soberania, toma parte no conflito, enviando uma Força Expedicionária para combater ao lado das democracias.

E para os campos de luta da Itália seguiu com a FEB a Artilharia Divisionária, constituída de quatro Grupos de Obuses e uma Esquadrilha de Ligação e Observação.

A Artilharia brasileira não desmereceria em solo europeu, onde pela primeira vez um Exército sul-americano combatia, a tradição que a consagrara ao longo de nossa história.

Tanto que muito antes de sua chegada a Nápoles, boletins do Alto-Comando alemão advertiam o comando da frente italiana da entrada em combate de uma forte Artilharia, muito bem treinada, e mandava reforçar o setor em que agiríamos com o brilho e denodo já conhecidos.

E nossa brava Infantaria sempre contou, em todos os momentos, com o apoio constante e eficaz das trajetórias de aço e fogo de nossos obuseiros, quer em Monte Castello, La Serra, Castelnuovo, Montese ou Camaiole.

Uma vez mais mostrou o artilheiro brasileiro a sua capacidade profissional e o seu valor moral, sintetizados nestas palavras de um Oficial de Infantaria que participou da Campanha da Itália, ao se referir aos observadores avançados de artilharia: "O emprego do observador avançado fez com que nossos colegas sentissem mais de perto o valor do infante. A bravura com que os observadores avançados de Artilharia sempre se portaram, durante os ataques, mostrava-nos perfeitamente que nossos artilheiros são tão bravos quanto os mais bravos infantes".

Nenhum testemunho é mais insuspeito, entretanto, do que o dos nossos adversários de então, constante de depoimentos de oficiais alemães prisioneiros da FEB e dos aliados:

"O bombardeio da Artilharia era de acabar com os nervos".

"Já estou na guerra há vários anos, mas coisa assim, nunca vi, nem ouvi".

"Nunca meu batalhão tivera tantas baixas antes da entrada em linha da Artilharia Brasileira".

Excelente foi o entendimento Infantaria — Artilharia, como bem atestam as palavras de um comandante de batalhão expedicionário, o que certamente muito contribuiu para as esplêndidas vitórias brasileiras: “E nós infantes, sentíamos que o apoio que nos era dado, pela nossa valorosa Artilharia, não era apenas uma Missão Cumprida tecnicamente perfeita. Não, os seus tiros levavam os influxos dos corações dos Artilheiros, que vinham colaborar com seus irmãos infantes, na causa comum da defesa de nossa Pátria”.

Mas o juízo final sobre o que foi a Artilharia da Força Expedicionária Brasileira cabe ao Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante-em-Chefe de nossas tropas: “Os Grupos de Artilharia confirmaram, nos campos de batalha da Itália, os seus reais méritos como unidades guerreiras e esplêndidas qualidades do artilheiro brasileiro, dirigido por quadros capazes e um comando que soube elevar bem alto as nobres tradições da Artilharia de Mallet”.

Finda a Guerra, uma aspiração geral de Paz anima todo o Mundo e recolhe-se a Artilharia a seus quartéis — escolas de civismo como os demais do Exército, que “alfabetizam, aprimoram o físico, incutem a disciplina, educam, instruem e preparam o homem não apenas para ser soldado, mas sobretudo como elemento útil à coletividade”.

E onde vamos encontrar, hoje, a Artilharia brasileira?

Quer com seus canhões apontados para a imensidão profunda de nossos céus, ou assestados para as águas sempre azuis de nossos mares, quer pronta para apoiar seus irmãos infantes e cavalarianos ela é presença no Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Mato Grosso e Minas Gerais.

E nesses quartéis ela se adestra para as eventualidades do amanhã, e contribui, com as demais armas e serviços, para a manutenção da segurança interna, propiciando com o todo do Exército e das Forças Armadas, as condições de tranqüi-

lidade indispensáveis ao funcionamento dos Poderes constituídos e à manutenção da Ordem e da Lei.

Um sopro renovador agita o País, desde a eclosão do Movimento Revolucionário de 1964, e velhas estruturas cedem para que a Nação se modernize. As Forças Armadas se apressam para estarem à altura de sua destinação constitucional. Novas perspectivas se abrem para a Artilharia, cujo prenúncio são as primeiras aquisições de material para atualizá-la:

— O Obuseiro de 105 mm M102, já equipando um de nossos Grupos de Campanha;

— O Obuseiro de 105 mm M108, recém-chegado, e que é dotação de unidades na Guanabara, em São Paulo, no Paraná e no Rio Grande do Sul;

— O míssil antiaéreo Roland, que terá também a sua tecnologia importada, e com o qual ingressaremos na era dos mísseis.

Além dessas recentes aquisições, o progresso da tecnologia nacional, de que são exemplos o Foguete Saturador de Area 108R e o seu lançador múltiplo, e os foguetes X-20 e X-40 enche de esperanças os corações artilheiros, que almejam sua Arma guindada ao mesmo nível em que ela se encontra nos Exércitos dos países desenvolvidos.

E aguardamos ansiosos o dia em que, vencida a batalha em que estão engajados todos os brasileiros — a Batalha do Desenvolvimento, possamos contar com materiais iguais ou semelhantes aos das poderosas artilharias do mundo de hoje, em suas várias versões de obuseiros e mísseis. Com os computadores de direção de tiro, como o FADAC e o TACFIRE, e os sofisticados equipamentos eletrônicos de busca de alvos como o Radar Contramorteiro, o Radar Contrabateria e o Radar de Vigilância Terrestre. E também, com os meios orgânicos aéreos, aviões e helicópteros, que completam o quadro das necessidades de uma moderna Artilharia.

Que este dia chegará, não temos dúvidas. Cumpre-nos enquanto o esperamos, "dar uma organização racional aos nossos quadros e instruí-los de maneira inteligente, preparando-os espiritualmente para raciocinar com a largueza e a instantaneidade característica da era espacial, e dotando-os dos conhecimentos táticos, técnicos e mesmo estratégicos sobre o tipo de guerra em que poderão se ver envolvidos."

Rememoramos, assim, em rápidos lampejos, evocando lembranças do passado, a evolução da Artilharia brasileira e a sua história, e fizemo-lo num sentido de homenagem à memória daquele que, pela excelência de suas virtudes e pela relevância dos serviços prestados à Nação, mereceu a glória maior de ser escolhido para Patrono de nossa Artilharia. —
MARECHAL EMÍLIO LUIZ MALLET

A Diretoria da "A DEFESA NACIONAL" lança um apelo a seus leitores no sentido de colaborar com a Revista, enviando-nos artigos de cunho doutrinário, que digam respeito à missão do Exército como defensor das instituições nacionais, da lei e da ordem.